

## **ALGUNS PONTOS DA FILOSOFIA POLÍTICA DE AMORIM DE CARVALHO**

[Contribuição do Prof. Paulo Ferreira da Cunha no Colóquio organizado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, em outubro de 2004, no âmbito das comemorações oficiais do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho, realizado por iniciativa conjunta da Câmara Municipal do Porto e da Casa Amorim de Carvalho]

### *Nação e Universalismo, Classe e Elite*

Imperativamente ausente, em serviço oficial no estrangeiro, na qualidade de Director do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, pela voz da nossa Colaboradora Senhora Prof. Doutora Clara Calheiros, do respectivo Conselho Científico, saudamos este Centenário, e em especial o Dr. Júlio Amorim de Carvalho, e os demais organizadores do evento, além dos muitos amigos que infelizmente não vamos poder reencontrar mais esta vez. As palavras que se seguem são apenas uma muito modesta homenagem a este vulto ímpar da nossa Cultura que homenageamos. O seu único brilho será o das citações que serão feitas e da *actio* de quem as lerá.

### *I. Desígnios e Destinos*

Amorim de Carvalho - que confessaria ter vocação política - , todavia renunciou, por falta de condições de exercício de liberdade, à política activa<sup>1</sup>. Para a política o impelia curiosamente quer o seu pendor analítico, quer a sua busca da verdade, ou seja: para a política o empurrava a filosofia, que filósofo era. Além de poeta, intelectual, homem de Cultura.

Mas há destinos. E o destino desejou, como o próprio Amorim de Carvalho advertiu, que terçasse armas de luta, afinal política, na sua tentativa de afirmação cultural e literária, de teses, de princípios, de um estilo até. A literatura e a filosofia não

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Amorim de — *O Fim Histórico de Portugal*, Lisboa, Nova Arrancada, 2000, p. 13 ss..

deram a Amorim de Carvalho a paz arcádica, mas para elas se projectou a sua inclinação especulativa e polémica, e nelas experimentou as angústias que, argamassadas com outras desilusões mais gerais do País, o levariam ao exílio voluntário, em França.

País estranho, este nosso, que parece dos seus melhores produzir suicidas e exilados. Exilados do exterior e exilados do interior. Exilados de afirmação e exilados de consciência. Exilados que o dizem e exilados que o sentem. E suicidas que se matam de um certo golpe, e outros que regular, diuturna, quotidianamente o fazem, todos os dias, porque “este país os mata lentamente” (parafrazeando Sophia de Mello Breyner). À falta das tenças dos paços para os Camões, porque para quem não é Camões há sempre tenças. À falta sobretudo de ar para respirar, que as inquisições os peiam. As grandes inquisições e as inquisições domésticas, feitas de vil tristeza e ódio mesquinho, alimentado por inveja. Os Portugueses são invejosos, diz de nós Pascoaes, e assim caracteriza essa miséria que nos faz miseráveis (quem a não reconhece?):

“A Inveja! Nós vêmo-la, nas trevas, farejar: é um esqueleto de hiena visionando um cemitério...”<sup>2</sup>

Amorim de Carvalho também demandou os paços e os solares (pequenos paços) não para si, nem por si, mas em busca de apoio para grandes projectos culturais. A alguns desses projectos, como a revista *Prometeu*, meteu mãos apesar de tudo. Mas de tanto clamar, de tanto advertir que curassem os do poder das desprezadas e esquecidas e vilipendiadas elites, provavelmente cansou-se, desse cansaço que é meia morte. E por amar Portugal, daqui saiu. E a determinar esse rasgo de coragem deve estar o ter-se sobretudo cansado da falta de ar... Portugal tem em certas épocas uma opressiva rarefacção de oxigénio, que provoca letargias e colapsos mentais. E por isso é necessário arejar. E correr outros mundos. *Ser Português à solta*: nos Brasis, em França e Araganças... Escolheu a França.

*Uma nesga de terra para nascer e todo o mundo para morrer*: tal é o que o Padre António Vieira, salvo erro, assinala como destino de Portugal, ou destino dos Portugueses.

Diáspora e Exílio.

---

<sup>2</sup> PASCOAES, Teixeira de — *Arte de Ser Português*, nova ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, pp. 100-101.

## II. Nação e Nacionalismo

Mas o exilado de consciência, alma e corpo Amorim de Carvalho não é um saudosista, não é um desses nacionalistas do nacionalismo bacoco, folclórico ou caceteiro. É um intelectual, que compreende a Nação dentro de uma teoria da civilização e da cultura, e que dialoga com os Toynbee, os Carlyle, e com os Ortega y Gasset, entre outros.

Amorim de Carvalho, mesmo nas páginas que lhe são ditadas pela maior amargura, não nos parece, em rigor, um nacionalista desses que recusam o pensar, e polarizam numa ideia de Nação as suas frustrações pessoais, numa atitude em pouco diferente do clubismo mais acérrimo dos *hooligans*. Antes de mais, porque Amorim de Carvalho é um Homem do Espírito e da Elite, e não embarcaria em meros impulsos de massas descontroladas, ou na manipulação dessas massas por pseudo-elites, essas pseudo-elites que tão bem conhecia. E depois, porque Amorim de Carvalho não era um totalitário.

Parece, com efeito, que o nacionalismo extremista é próprio do totalitarismo em geral, embora se conheça e se sublinhe sobretudo o totalitarismo fascista e nazi. Outros há...

Entretanto, não se pense que o seu oposto, o internacionalismo, tem as mãos limpas e a consciência tranquila: um certo internacionalismo das classes e grupos possidentes foi detectado pelo próprio marxismo (quando afirmou que “O Capital não tem pátria”) e entre nós por Amorim Viana, autor destas certeiras palavras:

“O patriotismo é como a justiça; abandona antes ou palácios opulentos do que as humildes choupanas”<sup>3</sup>

Por outro lado, se hoje em dia o nacionalismo<sup>4</sup> é sobretudo identificado com as direitas extremas e os populismos de direita extremista, nem sempre assim foi<sup>5</sup>. Há

---

<sup>3</sup> VIANA, Amorim Pedro de — *Análise das Contradições Económicas de Proudhon*, 1852, reproduzido in PETRUS — *Proudhon e a Cultura Portuguesa*, Portugal, Editorial Cultura, s/d , p. 83. Outra edição in VIANA, Amorim Pedro de — *Escritos Filosóficos*, compilação, fixação do texto e nota prévia por António Carlos Leal da Silva, Lisboa, IN-CM, 1993, pp. 11-79.

historicamente, numa certa medida, até uma certa ligação entre nacionalismo, sufrágio universal e democracia. O que é, aliás, um dos muitos exemplos da mescla e metamorfose de sentidos das ideias em que a sempre surpreendente política é fértil. Na síntese de Timothy Baycroft:

“(…) a história do nascimento das nações é, em certos aspectos, também a história do nascimento da democracia e da sua evolução para o sufrágio universal”<sup>6</sup>

Afinal, nacionalismo e internacionalismo parece serem componentes que se acoplam as ideologias principais, ganhando as cores destas, conforme os casos.

Com graça, um arguto autor brasileiro propôs esta definição:

«Nacionalista é um indivíduo que tem logo um infarto, e fica desgraçado para sempre, ao verificar que o Brasil não foi descoberto e colonizado por brasileiros”<sup>7</sup>.

Não se pode, assim, afirmar que a elegia “O Fim Histórico de Portugal”, aparentemente o mais nacionalista de todos os textos de Amorim de Carvalho, seja uma manifestação de vera ideologia nacionalista, mas, pelo contrário, um amargo e violento desabafo datado, mas que vem na sequência de uma filosofia da nacionalidade e das nacionalidades. Trata-se, assim, sistematicamente, mais de filosofia universal e

---

<sup>4</sup> Cf., de entre recentes aportações, v.g., SMITH, Anthony D. — *The National Identity*, trad. port. de Cláudia Brito, *A Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva, 1997; HERMET, Guy — *Histoire des nations et du nationalisme en Europe*, trad. port. de Ana Moura, *História das Nações e do Nacionalismo na Europa*, Lisboa, Estampa, 1996; THIESSE, Anne-Marie — *La création des identités nationales. Europe XVIIIe-XIXe siècle*, Paris, Seuil, 1999, trad. it. de Aldo Pasquali, *La creazione delle identità nazionali in Europa*, Bolonha, Il Mulino, 2001. Mais ideológico, por exemplo: SIMA, Horia — *Menirea Nationalismului*, trad. port. de Ana Maria Henriques, *Destino do Nacionalismo*, Lisboa, Nova Arrancada, 1999. Entre nós, uma polémica no início dos anos 60 do séc. XX: BRITO, António José de — *Destino do Nacionalismo Português*, Lisboa, 1962; *Idem* — *O Professor Jacinto Ferreira e o “Destino do Nacionalismo Português”*, Lisboa, s/e, 1962 (transcrevendo os textos da polémica). O nacionalismo manifesta-se nos mais diversos sectores, e o ideológico, cultural e artístico em particular não é despiciendo. Cf., nesse domínio, v.g., MICHAUD, Eric — *Nord-Sud (Du nationalisme et du racisme en histoire de l’art. Une anthologie)*, in “Critique”, n.º 586, Março de 1996, p. 163 ss.. Não já sobre nacionalismo, mas sobre a questão da identidade nacional, das identidades nacionais, há todo um outro mar de problemas. Entre nós, cf., não há muito, a síntese de MATTOSO, José — *A Identidade Nacional*, Lisboa, Fundação Mário Soares / Gradiva, 1998.

<sup>5</sup> Sobre a ligação entre nacionalismo e extrema-direita, cf. BOUTIN, Christophe — *l’Extrême droite française au-delà du nationalisme. 1958-1996*, in “Revue Française d’Histoire des Idées Politiques”, Paris, Picard, n.º 3, 1 sem. 1996, p. 113 ss..

<sup>6</sup> BAYCROFT, Timothy — *Nationalism in Europe, 1789 – 1945*, Cambridge University Press, 1998, trad. port. de Maria Filomena Duarte, *O Nacionalismo na Europa*, Lisboa, Temas e Debates, 2000, p. 140.

<sup>7</sup> RENAULT, Abgar — *Conta Gotas*, Suplemento Literário de “Minas Gerais”, 11 de Fevereiro de 1984.

portuguesa aplicada ao político do que ideologia nacionalista global, concretizada para Portugal. A qual, aliás, sendo igual por todo o lado, se volve em internacionalista, para todos os efeitos.

### III. *As Elites agentes. Itinerário teórico*

Detenhamo-nos um pouco nos passos que conduzem e explicam este pensamento, que é complexo, e que convoca diversos conceitos entre si articulados.

Em 1950, nas páginas de “Prometeu”, já Amorim de Carvalho provara que nada tinha a ver com essa para-ideologia “nacionalista” *hoc sensu* no universalismo manifestado em *Apontamentos para uma Teoria do Homem e da Civilização*. E já o universalismo se liga ao tema político e das elites:

“Às autênticas élites que são os homens de ‘boa vontade’ de todo o mundo (temos de as distinguir das falsas ‘elites’ que continuam a ser massa), e especialmente aos *clerics* de acção condutora, dentro delas recrutados, é que cabe o papel de educar as massas, espiritualizá-las, guiando os progressos e a civilização no esforço para subordinar o económico ao ideal (aquele compreendido à luz deste), no esforço para subordinar a existência à essência, o existir ao ser. Esta última esperança parece ainda estar no Ocidente, se os governos que detêm a força político-social do Ocidente (com todas as realidades espirituais de que podem ainda dispor, acumuladas na solidariedade históricas das gerações) não descurem o apoio às suas *élites*, fortalecendo-as, libertando-as das condições económicas que as esmagam, chamando-as à própria acção – e nelas se apoiando por sua vez – na condução da humanidade para um destino *autenticamente* humano.”<sup>8</sup>

Dez anos depois, na primeira edição de *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno*, mais uma vez, e desta feita detidamente, vai Amorim de Carvalho fazer dialogar Augusto Comte e Sampaio Bruno a propósito de vários pontos, em que sobressaem as classes e as elites. A ideia de Amorim de Carvalho parece ser – e pessoalmente aplaudimo-la – a superação quer da elite sem classe média em Comte, quer da classe

---

<sup>8</sup> CARVALHO, Amorim de — *Apontamentos para uma Teoria do Homem e da Civilização*, in “Prometeu”, Porto, Vol. III, 1949-1950, fascs. n.º 3 e 4, Junho de 1950, p. 153.

média sem elite, embora com um “individualismo democrático” em Bruno<sup>9</sup>. Já Pessoa e depois Domingos Monteiro, por exemplo, haviam chamado a atenção para a importância da sempre triturada e vilipendiada burguesia.

Afirmara, com efeito, o autor da *Mensagem*:

“Nada há a esperar, é certo, das classes dirigentes, porque não são dirigentes; e ainda menos da proletariagem (*sic*), porque ser inferior não é uma superioridade. (...) Só a burguesia, que é a ausência da classe social pode criar futuro. Se de uma classe que não há pode nascer uma classe que não há ainda”<sup>10</sup>.

E este final parece apontar para a ideia de elite.

Em 1944, Domingos Monteiro falará também de alguns aspectos por vezes obnubilados na análise da burguesia, normalmente muito presa aos estereótipos de individualismo possessivo, ganância, lucro, etc.:

“À verdadeira burguesia corresponde também uma certa forma de cultura e um certo idealismo (...)

Foram idealistas na medida em que defenderam interesses e ideias especificamente burguesas, isto é: um certo conceito de propriedade, de dever, de pátria e de família.”<sup>11</sup>

Mas Amorim de Carvalho, ao falar em classe média, como que sobe um degrau na depuração da ideia. Não é a burguesia com todas as suas conotações. É a classe média.

Mas por que falar de elites e classe média? Precisamente porque são elas o esteio de uma Nação: as classes altas e baixas não têm interesses nem alma para sentir a necessidade de um País. Por isso, quer o capital não tem pátria, como bem se podem unir os proletários de todos os países, já que o tipo-ideal do proletário é desenraizado, e em grande medida alienado pelo sem-sentido do seu próprio trabalho e da sua vida.

O tema das elites fora, porém, tratado em conjunto com o da História dois anos antes do livro sobre Bruno, em *Deus e o Homem na Poesia e na Filosofia*, concluindo,

---

<sup>9</sup> CARVALHO, Amorim de — *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1960, p. 158.

<sup>10</sup> PESSOA, Fernando — *O V Império*, in *Obras*, Porto, Lello, 1986, vol. III, pp. 701-702.

<sup>11</sup> MONTEIRO, Domingos — *Paisagem Social Portuguesa*, Porto, Educação Nacional, 1944, p. 48.

de novo, o nosso filósofo, por uma perspectiva que, sendo amiga da Nação, é também, ao mesmo tempo, Universalista:

“A compreensão, no sentido mais verdadeiro de alma com alma, consciência com consciência, sensibilidade com sensibilidade e pensamento com pensamento, impõe-se ao escol como sua missão social na Nação e sua missão transnacional no Mundo, porque a humanidade é só uma – e porque as grandes páginas das histórias nacionais feitas pelos homens superiores (os medíocres não fazem história, fazem sociologia para as estatísticas, para as constantes e para as médias) são as páginas do que se chama História Universal.”<sup>12</sup>

De novo em 1974, na Universidade de São Paulo, num livro dedicado a seu filho Júlio António, o nosso bom Amigo Dr. Júlio Amorim de Carvalho, o nosso filósofo retoma o tema. Nesse *Fidelino, Filósofo da Transitoriedade*, de novo surge essa chave nacional-universalista:

“(…) uma disciplina universitária de filosofia portuguesa e numa universidade criadora de um clima favorável à especulação de altos estudos ‘supra-universitários’, teria de articular a história da filosofia portuguesa ou da filosofia em Portugal não só com a história da filosofia no Mundo, mas ainda com uma actualidade viva do pensamento português, dar a este o devido relevo, articulando-o, por seu turno, com a actualidade viva da filosofia no Mundo, onde o pensamento humano se afirma, no conhecimento das *verdades* científicas e para além de todas as fronteiras nacionais. A inteligência é universal – e cidadã do Mundo. Mas é universal e cidadã do Mundo.”<sup>13</sup>

E, depois desta tese de universalismo, logo nem meia dúzia de linhas a seguir, a indicação de quem é motor desse universalismo, quem pode ser protagonista dessa aventura:

“Aos povos e às suas elites cumpre rever e reformular essa liberdade e esses direitos (...) na satisfação duma verdadeira justiça social e no reconhecimento dos

---

<sup>12</sup> CARVALHO, Amorim de — *Deus e o Homem na Poesia e na Filosofia*, Porto, 1958, p. 220.

<sup>13</sup> CARVALHO, Amorim de — *Fidelino, Filósofo da Transitoriedade*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1974, p. 134.

valores humanos pelos quais uma civilização é humana e os seus homens são homens nesse humano (...)"<sup>14</sup>

Em 1982 sairá *Os Descobrimentos Portugueses na Filosofia da História*. E aí avulta uma oposição deveras interessante, em que a tantas vezes decantada teoria das elites, da nação e do universalismo, ganha um binómio conceitual que traduz as antinomias do problema. Ao alcance universalista da Nação-Elite, que fez os Descobrimentos, que os impulsionou e comandou, reage a vontade da Nação-Massa contrária a essa empresa<sup>15</sup>. Eis que o Velho do Restelo, longe de ser o sábio que adverte contra a política de transporte na nomenclatura sergiana, passa a mera voz da população.

O final deste trabalho exorta mesmo contra a Nação-Massa e a “falsa elite imperante”, apelando, afinal, ao resgate da “missão universalista da pátria”. E nesta última expressão se explicita o não ensimesmamento e o não cripto-nacionalismo do autor.

É por ensaios deste género que se prepara o póstumo *O Fim Histórico de Portugal*, significativamente escrito na versão original em francês, e que, como é sabido, constitui apenas a primeira parte de um projectado e inacabado trabalho mais longo (e notemos a nota universalista): *O Fim Histórico de Portugal e a Crise do Pensamento Contemporâneo Ocidental*. Não é credível que se tratasse de dois blocos desgarrados. Mas a parte que nos chegou haveria de encontrar certamente plena explicação e sentido como etapa da crise do pensamento contemporâneo. Como vicissitude prática de uma crise mental. Assim era o raciocínio desenvolvido, por exemplo, n’*Os Descobrimentos Portugueses na Filosofia da História*, em que logo de início se convoca o testemunho de Álvaro Ribeiro<sup>16</sup> para enquadrar filosoficamente o ponto de partida desse momento de epopeia na História, Portuguesa e Universal.

No pensamento estruturado e lógico de Amorim de Carvalho, elite e classe associam-se entre si, naturalmente, tal como se correlacionam, noutra plano, nação e universalismo. Da classe média surge a elite. A nação, e em especial a portuguesa, é vector de universalismo. Mas ambos os pares de conceitos também entrecruzam entre si

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, pp. 134-135.

<sup>15</sup> CARVALHO, Amorim de — *Os Descobrimentos Portugueses na Filosofia da História*, Separata do Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, n.º 26, 1982, p. 55.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 4.



importantes relações: porque é da classe média que normalmente sai a elite, e só a elite permite cuidar da nação numa perspectiva simultaneamente patriótica e universalista.

*Paulo Ferreira da Cunha*

Paulo Ferreira da Cunha nasceu no Porto (1959). O seu pensamento é eclético nas inspirações filosóficas e nos percursos intelectuais. Coursou Direito, História da Arte e Desenho. Licenciado, Mestre e Doutor em Ciências Jurídico-Políticas da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Doutor em História/Filosofia do Direito da Universidade Paris II, e agregado em Direito Público, ascendeu por concurso à cátedra em Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Porto, onde tem ensinado Ciência Política, Metodologia e Filosofia do Direito, além de ter coordenado as cadeiras de Direito Internacional Público e Direito Comunitário. Aí dirige o Instituto Jurídico Interdisciplinar. É autor de mais de 40 livros e mais de 200 artigos. Um dos seus actuais temas de investigação é o Direito e a Política no pensamento luso-brasileiro.